


POR QUE É IMPORTANTE ESTUDAR HISTÓRIA DO IMPÉRIO OTOMANO?

Why is it important to study history of the Ottoman Empire?

Monique Sochaczewski^a

 <https://orcid.org/0000-0003-3758-6255>

E-mail: monique.goldfeld@idp.edu.br

^a Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP),
Brasília, DF, Brasil

RESUMO

Este artigo trata da história do Império Otomano (1299-1922) e da historiografia do mesmo, buscando apresentar inicialmente ao público brasileiro os marcos principais, os conceitos, e os debates acadêmicos do que seriam a “ascensão” e “queda” desse império multiétnico, multirreligioso, multirracial e multilinguístico que perdurou por seis séculos em três continentes: Ásia, Europa e África. Passa-se então a debater sobre o que já há no Brasil a respeito e porque é necessário conhecê-lo melhor a partir do país, indo além de uma historiografia que fala em “mundo árabe” ou “mundo muçulmano” e que não entende o Império Otomano como também parte da Europa.

PALAVRAS-CHAVE: Império Otomano. História Otomana. História Global.

ABSTRACT

This article deals with the history of the Ottoman Empire (1299-1922) and its historiography, seeking to initially present to the Brazilian public the main milestones, concepts, and academic debates of what would be the “rise” and “fall” of this multi-ethnic, multi-religious, multi-racial and multi-linguistic empire that existed for six centuries on three continents: Asia, Europe and Africa. We then begin to debate what already exists in Brazil in this regard and why it is necessary to know it better from within the country, going beyond a historiography that focuses on the “Arab world” or “Muslim world” and that does not understand the Ottoman Empire as part of Europe as well.

KEYWORDS: Ottoman Empire. Ottoman History. Global History.

O Império Otomano existiu de 1299 a 1922. Ao longo de seis séculos, espalhou-se pela Europa, Ásia e África. Sua história é particularmente ligada à Ásia Central, Cáucaso, Balcãs, Oriente Médio e Norte da África. Ele perpassou o que comumente entendemos como Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. E em sua fase final o Império Otomano assinou um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação com o Brasil (1858) e milhares de seus súditos imigraram para o então império nos trópicos, seja buscando “fazer a América”, como para se reconstruir depois de genocídios.

Apesar de longo, vasto e com conexões com o Brasil, o Império Otomano é ainda pouco estudado, publicado, e divulgado no país. Uma rápida pesquisa na plataforma Scielo Brasil indica haver ali somente quatro artigos a respeito, como a pesquisa de Teresa Maria Malatian (2023) sobre como os massacres cometidos por otomanos contra armênios no final do século XIX foram apresentados no periódico *Fanfulla*, de imigrantes italianos em São Paulo, e o texto de Leonardo Francisco Soares sobre o “esboroar do Império Otomano” (Soares, 2012, p. 168), mais especificamente os conflitos nos Balcãs, nas crônicas de Machado de Assis. Já na Plataforma Lattes uma busca por “Império Otomano” leva a 106 resultados. A grande maioria é de pesquisas feitas no âmbito de graduações sobre temas como sexualidade no Império Otomano, questões militares, minorias (sobretudo armênios), relações do Império Otomano com a Europa (em especial Portugal), e a importância de entender o Oriente Médio contemporâneo a partir de seu esfacelamento.

Minha própria pesquisa de doutorado sobre as relações do Brasil com o Império Otomano entre 1850 e 1919 aparece na busca¹, bem como cursos lecionados por mim no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Oriente Médio, o GEPOM. Junto com Paulo Daniel Farah (2008), Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (2010) e Heitor Loureiro (2016) me entendo no campo dos pioneiros dos estudos otomanos no Brasil, sendo a primeira brasileira a estudar e pesquisar o tema na Turquia². Há anos, junto com Heitor

¹ A tese foi defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/FGV e publicada como livro em 2017 pela Fundação Alexandre de Gusmão, do Ministério das Relações Exteriores.

² Em 2010, passei o semestre de primavera (janeiro a junho) como aluna especial do Doutorado em História da Bilkent University, em Ancara, e realizei pesquisas nos arquivos do Primeiro-Ministro, no acervo da *Istanbul University* e no *American Research Institute in Turkey* (ARIT), em Istambul, bem como na Biblioteca Nacional Turca, em Ancara. No caso dos arquivos do Primeiro-Ministro em Istambul, fui definitivamente a primeira brasileira a pesquisar lá, pois antes não havia no sistema “Brasil” como país de origem do pesquisador, sendo necessário chamar então um técnico para fazê-lo quando de meu cadastro.

Loureiro, tenho me empenhado em lecionar sobre história otomana para o grande público e divulgá-la através da participação de *podcasts* populares, como foram os casos em específico do Xadrez Verbal³ e o História FM⁴. A ideia no artigo em questão é, portanto, sistematizar o porquê considero essencial se estudar a História do Império Otomano a partir do Brasil.

O texto em questão se baseia em livros e artigos clássicos da história otomana, em episódios do *Ottoman History Podcast*⁵ e em reflexão conjunta feita com alunos da disciplina “Minorias menos conhecidas do Império Otomano”, que ministrei para a pós-graduação da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2024, além de mais de quinze anos de pesquisa sobre o tema.

Antes de tentar trazer algumas possíveis respostas e recomendações sobre o porquê é necessário estudar a história do Império Otomano a partir do Brasil, como proposto no título, achei importante, minimamente, apresentar os marcos gerais da história do Império Otomano, como comumente se leciona e pesquisa nos principais centros de estudos do tema no mundo. Depois, seguimos por breve apresentação dos debates acadêmicos da historiografia otomana seja sobre recortes temporais, conceitos, metodologia e fontes. Chegamos, então, à academia brasileira que ostensivamente ainda se silencia sobre a história otomana ou muitas vezes a vê como “história árabe” ou “história do mundo islâmico”.

Sobre a História do Império Otomano

A história otomana vai de 1299 a 1922 e, grosso modo, divide-se o período de 1299 a 1683 como “ascensão”, e o de 1683 a 1922 como “queda”. A segunda tentativa de tomar Viena, em setembro de 1683, pode ser considerada o grande marco de alteração das fases, embora valha ressaltar as aspas tanto para “ascensão” como para “queda”, uma vez que sempre houve idas e vindas, com vitórias e revezes em diversos períodos. E tiveram fases em que os sultões eram os atores principais, e fases em que a burocracia teve primazia.

O Império Otomano ao longo do tempo foi composto de turcos, gregos, armênios, judeus, árabes, tártaros, circassianos, albaneses, eslavos, curdos, drusos e cristãos

³ <https://xadrezverbal.com/2019/10/23/repertorio-03-monique-sochaczewski-goldfeld/>

⁴ <https://leituraobrigahistoria.com/podcast/imperio-otomano-ascensao-e-queda-de-um-imperio/>

⁵ Podcast criado em março de 2011 que se tornou das principais fontes digitais para debates acadêmicos sobre história do Império Otomano e do Oriente Médio moderno. Conta atualmente com quatorze temporadas e cerca de 570 episódios com participação de muitos dos principais pesquisadores do mundo sobre o tema. Link: <https://www.ottomanhistoricalpodcast.com/>

levantinos⁶, entre outros. Essa é a razão pela qual é importante ter em mente que se trata de um império multiétnico, multirracial, multirreligioso, e multilinguístico, e porque não é correto em chamá-lo de “turco-otomano”, como comumente se faz no Brasil, pelo menos não até 1908, quando de fato ganhou personalidade turca com os Jovens Turcos⁷. Seu fundador foi Osman I (r. 1299-1326), chefe dos *Osmanlı*, por nós conhecidos como Otomanos (Finkel, 2005, p. 5). Ele era um muçulmano turco nômade que migrou para a Anatólia majoritariamente cristã⁸ e estabeleceu inicialmente um emirado com tradição ainda nômade, mas que se sedentarizou e passou a se expandir com seu filho Orhan (r. 1326-1359) (Baer, 2022; Finkel, 2005).

Os otomanos avançaram inicialmente pela Anatólia (também conhecida como Ásia Menor), fazendo da cidade bizantina de Bursa sua primeira capital de 1326 a 1365. Edirne (antiga Adrianópolis) também originalmente bizantina, substituiu Bursa como capital de 1365 a 1453 por conta de sua posição estratégica entre Anatólia e Bálcãs. A região montanhosa, já no continente europeu, passou a ser foco dos otomanos no século XIV e a batalha do Kosovo de 1389 foi um grande marco tanto para os sérvios como para os otomanos, uma vez que o rei Lazar e o sultão Murad I (r. 1359-1389) ali morreram. Consolidou-se nessa época uma prática essencial para entender a história otomana: o *devşirme* (lê-se “devshirmê”). Dela vinham os janízaros (*yeniçeri* em turco, significando “nova força”), os corpos de infantaria que tiveram papel essencial na fase de expansão otomana (Finkel, 2005, p. 28).

Every seven years (or more often, in periods of frequent war) officials would tour the Christian villages of the Balkans, forcibly recruiting teenage boys. According to the sixteenth-century regulation, the levy was of one boy from every forty households. These were taken off to Istanbul and Anatolia, converted to Islam, taught to speak Turkish, and trained to serve either as soldiers or as servants in the imperial household. Since the household was at the same time the imperial administration, and all officials of the imperial

⁶ Descendentes de europeus que se estabeleceram como comerciantes no Império Otomano, sendo no geral católicos latinos (genoveses, venezianos). Não confundir com Levante, região da costa sul do Mediterrâneo, onde do ponto de vista europeu, o sol nasce (Cole, 2008, p. 10). De uma maneira geral, essa subregião se refere ao que seriam hoje Síria, Líbano, Israel, Palestina, Líbano e Chipre.

⁷ Somente é correto falar em turco-otomano quando se faz referência ao idioma, que é diferente do turco moderno hoje falado na República da Turquia. Segundo Marc Baer (2022, p. 190), tratou-se de um compósito de gramática árabe, persa e turca e vocabulário, em escrita persa modificada, e era a língua da administração e da cultura, especialmente poesia. Caroline Finkel (2005, p. xii) ressalta que o passado é realmente um outro país na Turquia, em que os cidadãos da República não têm acesso fácil aos textos das eras anteriores ao seu estabelecimento por conta da mudança de alfabeto de escrita árabe para o alfabeto latino em 1928.

⁸ É comum se usar a data da batalha de Manzikert, de 1071, como início da presença de turcos étnicos na Anatólia através dos seljúcidas que então derrotaram os bizantinos. O Imperio Seljúcida perdurou de 1037 a 1118 (Baer, 2022).

government were servants of the Sultan, this was in fact the road to advancement to the highest offices in the state. Many of the Ottoman Grand Viziers, and other members of the Divan (the Sultan's council of state), began their careers in this way (Malcom, 1998, pp. 95-96).

O fratricídio era uma tradição mongol que marcou tanto seljúcidas como otomanos, sendo aquele que conseguia eliminar fisicamente os oponentes homens (irmãos, tios, sobrinhos) o que chegava ao poder. Trata-se de uma espécie de “sobrevivência do mais forte” e significava garantir que o governante não tinha rivais (Baer, 2022, p. 48). A tradição foi sancionada no século XV e perdurou em grande medida até o século XVII, quando pela primeira vez um irmão sucedeu um irmão⁹.

Em 1453 o sultão Mehmet II (r. 1451-1481) tomou finalmente Constantinopla dos bizantinos, estabelecendo ali a terceira e definitiva capital otomana. Para os ocidentais, a mudança de domínio cristão para muçulmano foi descrita como “Queda de Constantinopla”. Para os otomanos foi “Conquista”. O fato foi tão marcante que é tido como o início da Idade Moderna (1453-1789) e tem conexão com a busca de caminhos alternativos para as Índias pelos europeus, chegando então às Américas, em 1492, e a nós, no Brasil, oito anos depois. Fatih Mehmet (Mehmet, o Conquistador), como é conhecido, deixou marcas importantes na história otomana e mundial.

He conquered Constantinople and then sought to legitimize his victory and rule over it by appealing to Muslims and Christians alike. He called himself Caesar and claimed the inheritance of Rome, appropriating the monuments of Constantinople's greatest ancient rulers, Constantine and Justinian. He rebuilt the city not only as the center of the Ottoman dynasty and the heart of his new imperial administration formed out of converts, but also as a multireligious metropolis . . . Mehmed II's chroniclers, Greek and Ottoman, placed him in a long line of great leaders including the Macedonian Alexander the Great and the Roman Julius Caesar. They compared the conquest of Constantinople to those of Troy, Babylon, Carthage, Rome, and Jerusalem (Baer, 2022, p. 72, 79).

A dinastia otomana juntava características dos bizantinos, assim como dos turcos-mongóis¹⁰, e da herança muçulmana. Forjou-se um “Ottoman way” com a sociedade

⁹ Baki Tezcan. Rethinking “decline” in the second Ottoman Empire. Ottoman History Podcast, episode 300. Link: <https://www.ottomanhistorypodcast.com/2017/02/rethinking-decline.html> Acesso em 3 Feb 2025

¹⁰ O canato da Crimeia (1475-1783), era composto de descendentes da Horda Dourada de Gengis Khan. A dinastia Giray que ali governou dava legitimidade mongol para o Império Otomano e por isso tinha diplomacia própria, alianças próprias, e por um tempo cobrou tributos dos russos. Os *Khans* (Cãs) reconheciam superioridade do sultão, mas podiam cunhar moedas próprias e eram referenciados nos sermões de sexta-feira. Os tártaros da Criméia tinham uma expertise militar na cavalaria que foi importante nas batalhas dos otomanos na Europa. Eles também tiveram papel central no tráfico de escravizados no

dividida em *askeri* (militares e servidores assalariados do sultão, além de detentores de feudos) e *reaya* (plebeus e sujeitos contribuintes). As comunidades não muçulmanas cristãs e judaicas, consideradas Povos do Livro, eram organizadas no Império Otomano na forma de *Millet*. A prática já existia em entidades muçulmanas prévias como os impérios Omíada e Abássida e indicava que mediante o pagamento de um imposto (*cizye*) seus integrantes eram considerados protegidos (*dhimmi*). No caso otomano havia *millet*s dos Cristãos Ortodoxos¹¹, dos Apostólicos Armênios e dos Judeus. Muçulmanos otomanos tinham posição superior a de judeus e cristãos, homens sobre mulheres, e os livres eram mais privilegiados que os escravizados. Misturava-se a lei islâmica (*sharia*) com a lei secular (*kanun*), baseada no costume e em decretos do sultão. O império era em grande medida baseado na meritocracia, no respeito à diferença (não havia guetos como na Europa cristã) e na projeção de poder tanto para a Eurásia como para a Europa Cristã. A capital Constantinopla, atualmente conhecida como Istambul, sempre contou com uma profusão de grupos étnicos, simbolizando suas conexões com o Oriente, bem como o Ocidente:

. . . Istanbul was a microcosm of the empire, a veritable alphabet of diversity: Abkhaz, Albanian, Arab, Armenian, Ashkenazi, and Austrian; Bosnian and Bulgarian, Catalan, Circassian, Cordovan, Crimean, and Croatian; Dalmatian; Egyptian; French; Georgian, German, and Greek; Hungarian; Indian, Iranian, Iraqi, and Italian; Jewish; Karaite and Kurdish; Laz; Macedonian and Moldovan; Palestinian, Polish, and Portuguese; Ragusan, Roma, Romaniot, and Russian; Sephardic, Serbian, Sicilian, Spanish, Sudanese, and Syrian; Tatar, Turcoman, and Turkish; Uzbek; Venetian and Vlach; Wallachian and Western European; Yemeni; and Zaza. And for O, there were Ottomans, who transcended all national and ethnic categories (Baer, 2022, p. 194).

No início do século XVI a dinastia vizinha, os safávidas persas (1501-1722), se converteu ao xiismo, tornando-se uma ameaça dupla para os otomanos, seja contra seu território, seja podendo converter parte da população otomana¹². Selim I (r. 1512-1520) justamente para proteger o flanco oriental do império, o expandiu para o Curdistão e Síria, tomando dos mamelucos as cidades sagradas muçulmanas de Meca, Medina e

Império Otomano. Acredita-se que de seus *raids* na Europa Oriental e norte do Cáucaso tomaram cerca de dois milhões de escravizados entre 1500 e 1700, um número comparado ao tráfico atlântico nessa mesma época (Baer, 2022, p. 128)

¹¹ Esse *Millet* abrangia, além dos gregos ortodoxos, todos os ortodoxos do império incluindo os que falavam árabe, búlgaro, romeno e até turco (Findley, 2010, p. 101)

¹² Xá Ismail (r. 1501-1524) foi o fundador da dinastia safávida em 1501, em Tabriz. Os persas já eram muçulmanos sunitas e se converteram ao xiismo então. Os safávidas influenciavam curdos e turcomanos que viviam no Império Otomano, gerando competição (Baer, 2022, p. 120)

Jerusalém, além do Cairo, uma cidade tão grande ou maior que Constantinopla (Baer, 2022, p. 138). Essa vitória fez Selim I o guardião das cidades sagradas do Islã e garantidor das rotas de peregrinação do *haji*, dando ao Império Otomano nova legitimidade como califado a partir de 1517. O centro de gravidade do império passava então a estar no Oriente em termos culturais e geográficos, governando agora as terras árabes onde o Islã nasceu e pela primeira vez na história sua população era de maioria muçulmana (Finkel, 2005, p. 110).

A época áurea otomana se deu com Suleiman I (r. 1520-1566), conhecido no Ocidente como “o magnífico”, mas na história otomana como *kanuni*, “o legislador”, por ter alinhado a lei islâmica e a lei secular, visando a consolidação do império e de sua burocracia. Ao mesmo tempo que seguia expandindo o império por localidades como Belgrado e Rodes e lutava contra os safávidas por Bagdá e Basra, ele planejava conquistar Roma e clamar o título de Sacro Imperador Romano. Suleiman tentou tomar Viena em 1529 e a ameaça otomana aos Habsburgos contribuiu para o sucesso da Reforma Protestante e a ascensão e estabelecimento do protestantismo na Europa. Martinho Lutero incluiu em suas teses protesto contra a concessão de indulgências eclesiásticas para financiar guerras contra os otomanos (Baer, 2022, p. 151).

Com a morte de Suleiman, o Império Otomano entrou em nova fase de política e mesmo de reprodução. Um sultanato sedentário no lugar de guerreiro ascendeu, e junto com ele a influência das mulheres do harém. A primeira metade do século XVII ficou conhecida assim como “Sultanato das Mulheres”, com sultanas atuando como regentes de seus filhos, e a senioridade passava a ser a norma de sucessão no lugar do fratricídio mencionado. Já a segunda metade do mesmo século foi dominada por uma sub-dinastia albanesa de servidores públicos oriundos do sistema de *devşirme*, os Köprülüs (Malcolm, 1998, p. 143). O Império Otomano perdia então a superioridade militar e iniciava-se uma fase de sultões depostos e mesmo assassinados. É nessa época que se deu a segunda tentativa de os otomanos tomarem Viena, em setembro de 1683, entendida por muitos como o começo de sua “queda”.

The ignominious Ottoman defeat was of great psychological importance for the Habsburgs and the whole of Europe. It seemed to Western observers that the tide of Ottoman conquest was turning. The literary production of the time reflects the exaggerated expectations of contemporaries that the forces of Christianity would at last triumph after centuries of struggle. The Vienna debacle was certainly a blow for the Ottomans - at the time, however, they had no idea that it was merely the first in a chain of defeats

which would end Only in 1699 with a humiliating and highly unfavorable peace (Finkel, 2005, p. 288).

Na virada do século XVII para o XVIII, o Império Otomano viu-se obrigado então a assinar tratado com potência europeia, no caso os Habsburgos, e a perder territórios, e crescentemente passava a encarar o inimigo russo, que tomou a Crimeia e almejava Constantinopla para “reestabelecer o Império Bizantino sob domínio russo” (Baer, 2022, p. 326). Por um lado, era de cidades portuárias otomanas como Izmir e Salônica que partiam matérias primas como grãos, lã, algodão e frutas secas para indústria europeia que florescia. Por outro lado, passou a vir da Europa em convulsão após a Revolução Francesa dois problemas que impactariam o Império Otomano até seu último suspiro: imperialismos e nacionalismos.

Em 1798 Napoleão Bonaparte desviou parte de suas tropas do teatro europeu e invadiu o Egito e a Síria otomanas com forças militares e de “sábios” (Cole, 2008)¹³. Esse ato sinalizou uma mudança importante do status do Império Otomano, pois se dava no âmbito de disputas entre franceses e britânicos, uma vez que o Egito era central para os interesses britânicos na Índia. Tomar o Egito, além de bloquear o crescimento do império britânico no Oriente, daria também aos franceses controle sobre *commodities* valiosas, especialmente o açúcar, mas também o café (Cole, 2008, p. 55).

Quem governava então o Império Otomano era o sultão Selim III (r. 1789-1807). Ao mesmo tempo que ganhava força no Ocidente uma narrativa de degeneração do que fora um dia o mundo clássico e esboçava-se uma visão idealizada e deformada de Oriente, a que o intelectual palestino Edward Said (2010) estudaria com as lentes do “Orientalismo”, no Império Otomano se iniciava fase importante de reformas visando sua desesperada sobrevivência frente os desafios dessa vez vindos em grande medida do Ocidente.

. . . eighteenth and nineteenth century sultans and elites launched reforms to strengthen the empire against occupation and colonization from abroad and chaos within. In their view, they needed to modernize the empire, striking the right balance between European innovations and strengthening their own traditions. Reforming sultans went so far as to wipe out the Janissaries, suppress the Bektashi Sufi order¹⁴ with which the army was affiliated, and ostensibly abolish the hierarchical order based on religious and class difference. Conversion to Islam was no longer a path to

¹³ Uma comissão de ciência e artes composta por 151 pessoas, 84 tendo qualificações técnicas e outras dez sendo médicas, formando o maior corpo de especialistas que acompanhou uma expedição militar francesa (Cole, 2008, p. 3)

¹⁴ Há presença de ordens dervixes no Império Otomano desde o início. A ordem *Bektaşî* era originalmente um grupo sectário menor, mas que ganhou proeminência e conexões com as tropas de elite de infantaria dos sultões, os janízaros (Finkel, 2005, p. 9)

assimilation. But instead of saving the empire, these changes deepened the chasm between Ottoman Christian and Muslims (Baer, 2022, p. 328-329).

Selim III buscou modernizar as forças armadas otomanas, incorporando avanços das ciências militares francesas, prussianas e russas, no âmbito do que se chamou de Nova Ordem (*Nizam-i Cedid*). Ocorreu também o estabelecimento de primeiras embaixadas regulares e permanentes otomanas na Europa a partir de 1792. Os diplomatas tinham instruções para estudar as instituições europeias assim como adquirir “idioma, conhecimento e ciências úteis aos que servem ao Império”. Selim III foi deposto, mas Mahmud II (r. 1808-1839) seguiu com reformas mesmo diante de revoltas de janízaros, guerra de independência da Grécia (1821-1830), e insurreição de notáveis locais. Ele aboliu os janízaros em 1826 e criou um exército a partir de conscrição, alterou mais as vestimentas impondo o *fez*, em 1829; ao mesmo tempo que perdia a Argélia para a França, em 1830; e encarava conflitos com a província do Egito e guerras com a Pérsia e a Rússia.

As tentativas de reformas no início do XIX serviram de base para as transformações no decorrer do século em que o grande esforço foi o de centralizar para modernizar e defender o Império. Data dessa época a chamada “Questão Oriental”, que do ponto de vista das potências europeias queria dizer como iam equilibrar seus próprios interesses com o dos estados-nação emergentes enquanto dividiam o Império Otomano (Baer, 2022, p. 343-344).

O período de 1839 a 1876 é conhecido na história otomana como *Tanzimat* (Reordenações). Apesar de ter como sultões Abdul Mecid I (1839-1861) e Abdul Aziz (1861-1876), na prática o poder ficou na mão de três paxás (Mustafa Reşid, Fuad e Aali), que haviam estudado na Europa e aprendido seus idiomas e ao longo dos dois sultanatos se revezam na tomada de decisão. Esta época é também conhecida como “Era da Sublime Porta” (*Bab-ı Âli*), onde estavam ficara o quartel-general dos grão-vizires, que também incluía os ministérios do exterior e interior e conselhos importantes (Findley, 2010, p. 76). Trata-se de uma fase que o Império Otomano passava a depender mais diretamente da Europa e a ter que prestar contas a seus súditos. Importava, sobretudo, para o Ocidente a defesa dos cristãos do império e este juntou forças com Inglaterra, França e Sardenha contra os russos na Guerra da Crimeia (1853-1856). Essa guerra não só representou um reconhecimento do Império Otomano como uma potência pela Europa,

com sua participação na Conferência de Paris ao seu término, como permitiu uma série de modernizações em seu interior: telégrafos e estradas de ferro, em particular.

Como pontua Carter Findley (2010, p. 23), o século XIX representou uma mudança radical otomana em relação ao passado de descentralização, com a Porta passando a buscar então uma nova centralização e uma modernização defensiva. Ao mesmo tempo que estudava e tentava emular as instituições europeias, buscava manter um *ethos* próprio. Ganhava proeminência em 1860 os Novos Otomanos (*Yeni Osmanlilar*), grupo heterodoxo que demandava fim do despotismo burocrático dos paxás então no poder, visando a modernização do Império Otomano, com uma monarquia constitucional, e com livre imprensa. Essa elite promovia um conceito de Otomanismo (*Osmanlilik*) igualitário para cimentar uma unidade (Findley, 2010, p. 100).

Em 1876 o sultão Abdul Hamid II (r. 1876-1909) assumiu o poder em contexto de nova guerra com a Rússia e por um lado fez inicialmente reformas como a permissão de estabelecimento do parlamento, mas logo fez o poder voltar para o palácio. Ele manteve algumas reformas do *Tanzimat* no âmbito da diplomacia e do meio militar, mas passou a usar o Islã para enfatizar tradição e caráter muçulmano do império, por exemplo.

Faced with intense foreign pressure, debilitating power struggles among the elite, and an ability to obtain financial resources to meet his goals, the sultan sought a way to strengthen and save the empire. He chose to do so through modern strategies infused with religious meaning, promoting himself as caliph in charge of a modernized Islam and an Islamized empire, and converting sectarian groups. He became a ruler who was as much a modernist who opposed the West as an Islamist who emphasized secular technical education (Baer, 2022, p. 363)

O Império Otomano ficava cada vez mais dependente do núcleo capitalista europeu, tendo sérias dificuldades econômicas, contraindo dívidas não cumpridas. Em 1881, houve a criação da Administração da Dívida Pública, com europeus controlando finanças públicas e coleta de impostos, bem como concessões como de estradas de ferro. As concessões incomodaram muçulmanos conservadores que se sentiram diminuídos de seu status superior oriundo da *sharia* e isso levou a distúrbios em localidades da Síria e do Líbano (Findley, 2010, p. 100). A penetração estrangeira no império se dava via econômica e cultural. As potências maiores e médias tinham missões diplomáticas em Constantinopla e consulados pelo império. E missionários cristãos – católicos e protestantes da Europa e dos Estados Unidos – competiam para abrir escolas e serviços de saúde. A questão armênia, em particular, se internacionalizava depois do Tratado de

Berlim, bem como as perdas otomanas nos Bálcãs, fazendo com que o império voltasse seu centro de gravidade para a Anatólia e terras árabes. Ele passava a 60% da população muçulmana antes de 1878 a 72% no censo dos anos 1880 e 74% em 1906-1907. O império ganhava dois milhões de imigrantes e refugiados muçulmanos e perdia cerca de 300.000 na quase totalidade não-muçulmanos, usualmente indo para as Américas (Findley, 2010, p. 175-177).

Se o início do Império Otomano se deu com uma liderança turca étnica tolerante que se expandiu pela Anatólia, chegando a dominar três continentes, seu último suspiro se deu com os chamados Jovens Turcos. O grupo se iniciou em 1889 com alunos da Academia Militar de Medicina e via o separatismo não-muçulmano apoiado por potências europeias como ameaça central. Criaram o chamado Comitê de União e Progresso (CUP) que também bebia do mesmo positivismo de Augusto Comte que influenciara o lema da bandeira brasileira, mas entendia que “união” era mais importante do que “ordem” para a especificidade otomana. Seus integrantes buscavam usar o materialismo científico e as Ciências Sociais, em especial Sociologia e Psicologia, além do Islã como meio de mobilização de massa. O grupo era, porém, radicalmente secular e seu esforço frente as revoltas étnicas e intervenção estrangeira que ameaçavam o império, não era destruir o sultanato, mas transformá-lo (Findley, 2010, p. 161,164-5)

Os Jovens Turcos chegaram ao poder com uma revolução em 1908 e sua gestão começou com liberdade e projetos modernizantes, mas terminou com ditadura militar e fim do império. O movimento se radicalizou especialmente a partir de 1912, e mais uma vez com três paxás: Enver, Talat e Cemal. As eleições passaram a ser manipuladas e começou um período de guerras contínuas que levou ao fim definitivo do Império Otomano, na Tripolitânia (1911), Bálcãs (1912-1913), Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Guerra de Independência da Turquia (1919-1923). O movimento inicialmente atraiu árabes, albaneses, judeus, e mesmo gregos e armênios, mas cada vez mais se turquificou e buscou homogeneização étnica e é nesse contexto que se entende o genocídio armênio de 1915. “Centuries of symbiosis under the banner of a multiethnic Islamic state had ended under the cover of wartime necessity and in the name of nationalist social engineering (Findley, 2010, p. 211). O Império Otomano lutou a Primeira Guerra Mundial do lado da Alemanha e essa guerra foi seu enterro. O Tratado de Sèvres, de 1920, a princípio o estrangulava, mas o Tratado de Lausanne, de 1923 reconhecia a República da Turquia que nascia de seu núcleo duro, gerando aí uma outra história.

Sobre a Historiografia do Império Otomano

Inicialmente, na República da Turquia, estabelecida por Mustafá Kemal Atatürk, em 1923, não queria se tratar de história otomana, buscando construir uma nova narrativa, focada em passado turco e nas “civilizações anatólicas”. Estudos otomanos vêm ganhando muito fôlego nas últimas décadas, porém, e em praticamente toda universidade de ponta nos EUA e na Europa há otomanistas, e todas as grandes universidades turcas também contam com departamentos e especialistas. O governo de Recep Tayyip Erdoğan, iniciado em 2002 e ainda vigente embora com diferente roupagem, vê com bons olhos esse interesse.

Se tivéssemos que identificar um primeiro otomanista de impacto, porém, o nome de destaque seria o do austríaco Paul Wittek (1894-1978). Tendo servido na Primeira Guerra como oficial em Istambul, ali aprendeu turco-otomano e na década de 1920 publicou primeiros textos sobre o Império. Ele viveu cerca de uma década em Istambul, atuando na criação do Instituto Arqueológico Alemão na cidade. Com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, Wittek, que era judeu, perdeu seu posto e se mudou para Bruxelas, em 1934. Com os ataques à Bélgica, foi para a Inglaterra onde foi inicialmente internado num campo como inimigo estrangeiro. Seus colegas orientalistas britânicos ajudaram a libertá-lo e a empregá-lo na Universidade de Londres. Wittek assumiu então a recém-criada Cátedra de Turco na *School of Oriental and African Studies* (SOAS) e ali atuou até 1961, quando se aposentou. Publicou pouco, mas em 1938 seu texto “The Rise of the Ottoman Empire”, derivado de palestras que ministrou entre 1936 e 1938 na Universidade Livre de Bruxelas, estabeleceu a tese de que o Império Otomano era um Estado *ghazi*, que tinha um *ethos* de Guerra Santa/Ghaza¹⁵.

A teoria do Estado *ghazi* teve grande impacto até os anos 1980, pouco depois da morte de Wittek em 1978, influenciando inclusive Perry Anderson (2004, p. 362-362) que dizia que as tribos turcomanas eram marcadas por “uma fé militante de cruzada muçulmana que rejeitava toda a acomodação com o infiel, do tipo que viria a definir os Estados constituídos do Antigo Islã”. Essa teoria passou a ser em grande medida questionada, sobretudo por se basear em pouca empiria. Rudi Lindner¹⁶ entende que Wittek foi muito influenciado por Ernst Kantorowicz e que sua análise da história otomana era na realidade um olhar intelectual da Europa Central do início do século XX, mais do

¹⁵ Rudi Lindner. *The Origins of Ottoman History*. Ottoman History Podcast, episode 511. Link: <https://www.ottomanhistorypodcast.com/2021/08/rudi.html> Acesso em 9 Feb 2025

¹⁶ Rudi Lindner. *The Origins of Ottoman History*. Ottoman History Podcast, episode 511. Link: <https://www.ottomanhistorypodcast.com/2021/08/rudi.html> Acesso em 9 Feb 2025



que história do Império Otomano de fato. Lindner ressalta que como na fase inicial otomana se tratava de uma entidade nômade e pastoral, há grande dificuldade de fontes, sendo necessário acessar fontes gregas bizantinas e das fundações religiosas, (*waqf*), sendo esse período ainda necessitado de pesquisas.

Quem transformou os estudos sobre o império otomano em área de destaque, porém, foi um nativo do mesmo: Halil İnalcık (1916-2016). İnalcık (lê-se Inaldjāk) nasceu em Istambul no seio de família tártara, sendo na realidade um otomano, posto que veio ao mundo antes do fim do Império e tinha turco-otomano como sua língua materna. Ele fez sua formação na nova capital turca nos anos 1940 e lecionou na Universidade de Ancara de 1952 a 1972, tendo passado temporadas nas universidades de Columbia, Harvard, Princeton e Pensilvânia, antes de se transferir para a Universidade de Chicago, onde lecionou de 1972 a 1986, e treinou uma série de jovens historiadores que teriam destaque como Fariba Zarinebaf e Linda Darling. Suas pesquisas se debruçavam sobre a história da Crimeia, da Albânia e da Anatólia no século XV a Bulgária do século XIX, e iam de história social, política e econômica, de agricultores a sultões. Escritor prolífico, publicou mais de quinhentos artigos acadêmicos e sessenta livros que foram amplamente traduzidos¹⁷.

O grande objetivo de İnalcık foi usar a empiria para tratar da história otomana, usando fontes de arquivos, crônicas, e mesmo fontes não otomanas, criando de fato o campo de moderno de pesquisa histórica. Ou como dizem seus ex-alunos, “converter subcampo obscuro e exótico em disciplina de ponta” (Zarinebaf *et al.*, 2017). Foi pioneiro no uso de arquivos otomanos e sempre lutou pelo acesso e preservação das fontes, além de divulgar história otomana para o grande público na Turquia. Participou ainda da criação de periódicos como *Archivum Ottomanum*, em 1969 e *Journal of Ottoman Studies*, em 1980, e de instituições como *International Association for Ottoman, Social and Economic History*, em 1977. De 1993 até sua morte em 2016 atuou na *Bilkent University*, em Ancara, onde eu tive oportunidade de estudar inicialmente, interessada em acessar seu acervo ali depositado. Quando estudei em Bilkent em 2010, İnalcık já idoso basicamente só orientava teses de doutorado, mas acabei tendo a honra de assistir uma palestra sua. Halil *Hoca* (mestre Halil, como é conhecido) foi enterrado na mesquita de Fatih, em Istambul, demonstrando sua importância como acadêmico da história otomana. Seu túmulo é vizinho de ninguém menos do que o sultão Fatih Mehmet.

¹⁷ <http://bilnews.bilkent.edu.tr/bilkent-community-mourns-the-loss-of-halil-inalcik/> Acesso em 8 Feb 2025

As pesquisas sobre história otomana foram ficando cada vez mais especializadas nas últimas décadas, a partir desse esforço duplo, e praticamente igualitário, de acadêmicos na Turquia e no Ocidente de sofisticá-las. Ocorre, inclusive, circulação de otomanistas entre universidades de ambas as regiões. Cemal (lê-se “Djermal”) Kafadar, nativo de Istambul e professor de estudos turcos na Universidade de Harvard, talvez seja o mais proeminente, realizando pesquisas sobre a história social e cultural do Império Otomano com larga interface com cinema. Ahmet Tunç Şen (lê-se “Tuntch Shen”) também é nativo da Turquia e leciona história otomana na Universidade de Columbia, em Nova York. Seu foco é a história das mentalidades, da ciência e da adivinhação, bem como a história dos livros e dos manuscritos e da leitura. Şen é um exemplo, inclusive, de como os otomanistas têm também saído da bolha acadêmica e participado de produções de audiovisual de largo alcance. Ele é um dos especialistas que depõem na renomada série “Ascensão do Império Otomano”, disponível na Netflix desde 2020 e focada em sua primeira temporada na tomada de Constantinopla, em 1453. A série em questão contrapõe dramatização do feito com depoimentos dos maiores especialistas no tema e além de Şen estão lá tanto acadêmicos europeus como turcos tais como Jason Goodwin, Karen Barkey, Roger Crowley, Marios Phillipides, Celal Sengor e Emra Şafan Gokan. O *boom* de novelas turcas inclui muitas produções de época ambientadas no Império Otomano, como *Magnificent Century* e *Köse*, e vem contando com o trabalho de historiadores no apoio à elaboração dos roteiros como na pesquisa para produção de arte.

As pesquisas sobre o Império Otomano têm ficado cada vez mais especializadas, mas é digno de nota as obras que buscam dar conta de toda a história otomana, em particular “Osman’s dream”, de Caroline Finkel, e “The Ottomans”, de Marc David Baer, largamente citados aqui. Finkel é britânica, radicada em Istambul, e doutora pela *School of Oriental and African Studies* da Universidade de Londres (SOAS). Ela atua também como jornalista e idealizou uma rota equestre, de caminhada e ciclismo na Turquia chamada “Evliya Çelebi Way”, em que recria parte da rota seguida no século XVII pelo viajante otomano Evliya Çelebi. Uma experiência que um dia poderia ser comparada ou conectada talvez com nossa “Estrada Real”. O esforço de seu livro foi de atualizar o público de pesquisas que dão conta de toda a história do Império Otomano e se contrapor à noção simplificada de que o Império Otomano ascendeu, declinou e deixou de existir (Finkel, 2005, p. xi). Baer, por sua vez, é estadunidense e professor de História Internacional na *London School of Economics*. Em sua obra busca reforçar os limites da

tese de Wittek declarando que o que importava nos anos iniciais do império era que os sultões deveriam ter habilidade e serviço, não religião (Baer, 2022, p. 29). Baer demonstra o tempo todo como o Império Otomano foi também um império europeu.

Como dito, nas últimas décadas se avolumaram as pesquisas sobre história otomana seja a partir da própria Turquia, seja dos grandes centros ocidentais. Uma rápida busca no *Ottoman History Podcast* dá dica de como “toda História é contemporânea”, como dizia Benedetto Croce. Os episódios mais recentes compartilham pesquisas sobre gênero, refugiados, relação entre religião e ciência, situação dos curdos, e genocídio armênio, além da história dos palestinos, tendo em vista a guerra em Gaza desde outubro de 2023, e a história da Criméia, levando em conta a tomada desta pelos russos em 2014 com uma narrativa que apaga seu passado tártaro. O Brasil, que foi tema de minha tese de doutorado sobre suas relações com o Império Otomano entre 1850 e 1919 aparece no episódio 565, de 11 de abril de 2024, que conta com entrevista com o professor Ali Kulez, da Boston University, e trata da história da visita do *imam* otomano al-Bagdhadi ao Brasil na década de 1860¹⁸. Muito orgulhosamente, meu livro é citado nas recomendações do episódio.

Estudos de História Otomana a partir do Brasil

Estudar história otomana, seguindo e aprofundando os marcos da mesma apresentada nos tópicos anteriores desse artigo é praticar História Global. Quer dizer, necessariamente, colocar o Ocidente em perspectiva (e mesmo demonstrar o quanto de passado islâmico ele tem), bem como o nacionalismo metodológico (Santos Júnior & Sochaczewski, 2017).

As ações da Europa que normalmente norteiam nossa historiografia na realidade não se davam por geração espontânea ou operavam em um vácuo. O chamado Renascimento e a Reforma Protestante que ocorriam como prólogo das Grandes Navegações, não se davam só por questões internas europeias, mas também de maneira conectada ou em reação a questões do Império Otomano. Como bem mostra Peter Burke (2008, p. 29), professores bizantinos que fugiram dos avanços otomanos se abrigavam em cidades-estados italianas como Florença e Pádua, e levaram com eles conhecimentos de língua grega essenciais para que se acessasse textos gregos na língua original. Essa troca entre o cristianismo oriental e ocidental teve papel importante para o Renascimento. E com

¹⁸ <https://www.ottomanhistorypodcast.com/2024/04/kulez.html>

os avanços dos otomanos e a tomada de Constantinopla, a Igreja Católica buscava levantar recursos para nova Cruzada. As ditas indulgências— forma criada pela Igreja Católica para levantar fundos para tentar retomar Constantinopla – se inseriam nesse contexto e estão por trás do racha na Igreja que levou ao surgimento do Protestantismo (Puchner, 2019, p. 190).

Por outro lado, o avanço otomano nos séculos XIV e XV esbarrava nas colônias de cidades-estados italianas, importante ensaio para colônias que se estabeleceriam no Novo Mundo. No Mar Negro, otomanos se depararam com colônias ali mantidas por Veneza, como era o caso de Tana, no Mar de Azov, e por Gênova com Caffa (Feodósia). Essas colônias eram entrepostos para a exportação para o Ocidente de matérias primas como peles, seda, temperos, pedras preciosas e pérolas. Os sultões, por vezes, se posicionavam do lado de uma cidade-estado contra outra ou apoiavam uma delas contra os bizantinos, como foi o caso do sultão Orhan e o apoio que deu à Gênova em seu conflito com Veneza, fornecendo suprimentos a suas frotas e à sua colônia comercial em Galata. A série “Ascensão do Império Otomano”, na Netflix, conta sobre a tomada de Constantinopla pelos otomanos em 1453 foca em parte na relação entre otomanos e genoveses se contrapondo a bizantinos, por exemplo.

É sempre importante frisar que foi a tomada de Constantinopla pelos otomanos que levou europeus a buscarem caminhos alternativos para as Índias e aqui chegarem. E em 1492, mesmo ano que Colombo chegava às Américas, espanhóis expulsavam os judeus de seus domínios. Quatro anos depois os portugueses faziam o mesmo. Há uma rica historiografia no Brasil que se debruça sobre a história desses judeus, que em parte foi para os Países Baixos e de lá para o Nordeste brasileiro no século XVII, com muitos seguindo depois para o que seria o Suriname, o Caribe e mesmo Nova York¹⁹. Há uma outra parte dessa história, porém, que é a da ida da maioria desses judeus para terras otomanas. Esses *sefaradim* se juntaram aos *romaniot*, *ashkenazim* e *caraitas*²⁰, não só integrando o *Millet* judaico do Império Otomano como se impondo aos demais subgrupos. É por conta deles que judeus otomanos falavam na quase totalidade ladino, o judeu-espanhol.

¹⁹ Ver em particular Ronaldo Vainfas. *Jerusalém Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; e Lira Neto. *Arrancados da Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

²⁰ *Romaniot* eram os judeus oriundos do Império Bizantino e de fala grega. Já os *ashkenazim* eram judeus expulsos da Hungria em 1376 e da França em 1394 já haviam procurado abrigo em terras otomanas, assim como judeus da Bavária no século XV. Por fim, os *caraitas* eram/são judeus que só aceitam a Torá e não suas interpretações como o Talmud. Posteriormente, a partir de 1517, passaria a haver também os *Musta'aravim/Mizrahim*, ou seja judeus de fala árabe.

A história dos judeus otomanos é bem paralela à da “ascensão e queda” do Império Otomano, tendo seu auge no século XVI, com grandes médicos e banqueiros como Gracia Mendes (1510-1569), e uma queda no século XIX, com a comunidade tendo que se reinventar para enfrentar a decadência em particular frente a gregos e armênios que ascendiam em proximidade a europeus. É nesse contexto que se insere a Aliança Israelita Universal, criada por judeus franceses em 1860, buscando autodefesa e autossuficiência judaica através da educação e do desenvolvimento profissional, e criando mais de cem escolas para judeus em terras otomanas.

Na virada do século XIX para o século XX um número significativo de judeus otomanos, oriundos de cidades como Salônica, Izmir e Constantinopla migraram para o Brasil. Figuras proeminentes no Brasil como o historiador Boris Fausto, a jornalista Helena Salem, o economista Joaquim Levy, o jurista Luís Roberto Barroso e os comunicadores Luciano Huck e Silvio Santos/Senor Abravanel estão entre seus descendentes. Esse ponto é também importante porque demonstra que a história judaica é muito mais que europeia, daí fazendo pouco sentido falas como “volte para a Polônia” em debates rasos que se testemunham sobre o sionismo desde os ataques terroristas do Hamas em 2023 e a Guerra que se desdobrou desde então. Demonstra também que diferente do que prega muitas vezes o senso comum, o Islã tem passado de tolerância e acolhimento. Judeus que fugiram da Inquisição acharam abrigo e floresceram sob o domínio otomano. O caso da cidade de Salônica de onde vieram parte dos parentes de Silvio Santos, teve maioria judaica por boa parte de sua história. Quem os aniquilou na quase totalidade, usando técnicas modernas de extermínio, foram os nazistas da Europa (Mazower, 2007).

Os otomanos sabiam das Américas desde a chegada dos europeus às mesmas. Em 1513 o Almirante Piri (Piri Reis, em turco) encontrou o sultão Selim I e lhe entregou mapa com contorno do Novo Continente. Um fragmento desse mapa faz parte do acervo do Museu Topkapı, instituição mais importante do passado otomano, localidade no coração de Istambul. Demonstro no livro derivado de minha tese de doutorado (Sochaczewski, 2017) que intelectuais otomanos de então estimularam sultões a se expandirem também para as Américas. A realidade de já governarem três continentes e múltiplos grupos religiosos e étnicos não os permitiu se estender tanto no espaço, porém.

No século XVII, quando das primeiras publicações no Império Otomano por Ibrahim Müteferrika (1674-1747), algumas já faziam referência às Américas. E no final do século XVIII, Francisco de Miranda, companheiro de lutas de Simon Bolívar passou temporada em Constantinopla e deixou relato que parece ser o primeiro de nativo do continente americano

em terras otomanas (Toledo Mansilla, 2004). É muito válido acessar esse texto e ver que na época que se iniciava o Orientalismo, também se dava um relato desinteressado em estereotipar orientais ou visando governar suas terras. Mesmo o *Orientalismo* de Edward Said tem limites se alargarmos nossa visão de mundo – e de encontro de mundos – para além do Ocidente.

No século XIX, a primeira aproximação entre Brasil e Império Otomano se deu através da presença de cônsules otomanos no Rio de Janeiro. Navios otomanos por vezes a caminho de seus próprios domínios – como de Constantinopla para Basra - tinham que parar em nossos portos para fazer a chamada “aguada” antes da popularização da navegação a vapor. O relato do *imam* otomano Al Baghdadi, que desceu de um desses navios na década de 1860 e permaneceu por cerca de três anos no Brasil, se dá nesse sentido (Bercito, 2024).

D. Pedro II visitou o Império Otomano por duas vezes e em 1876 escreveu em seu diário que cristãos sobreviventes dos massacres de 1860 praticado por drusos queriam emigrar para o Brasil. Apesar de apaixonado pelo “Oriente Médio”, d. Pedro II não fez nada para estimular diretamente essa migração, posto que não se encaixava no projeto de embranquecimento e “civilização” da elite brasileira de então. Apesar da grande maioria ser cristã (árabes maronitas, melquitas, ortodoxos e protestantes; gregos ortodoxos; e armênios apostólicos, católicos e protestantes), eles eram considerados “brancos imperfeitos”.

Quando iniciei minha pesquisa de doutorado nos Arquivos do Primeiro Ministro em Istambul, não achava que deveria procurar por emigração. Pensava então que já havia trabalhos definitivos sobre a história da “imigração árabe” para o Brasil. O que a empiria me mostrou, porém, é que não só Constantinopla acompanhava com preocupação tal emigração e seus possíveis impactos em separatismos em seu território (em especial para Síria e Líbano) como o termo “árabe” é em grande medida anacrônico. Era na realidade uma emigração de súditos otomanos com diversas identidades, sendo árabe uma delas. E se o Império Otomano deixava definitivamente de existir como império multiétnico, multirreligioso, multirracial e multilinguístico para dar lugar a uma República da Turquia em seu núcleo duro ou perdendo territórios para o imperialismo europeu, o Brasil (na fase final do Império e durante a República) ganhava mais cores e sabores com os antigos súditos otomanos que para cá vieram.

Considerações Finais

Como se viu aqui, a história do Império Otomano é vasta e complexa, com muitas idas e vindas em termos de centralização e descentralização do poder seja na figura dos próprios sultões frente à burocracia, ou seja, em relação ao centro otomano em Constantinopla e suas províncias. E a historiografia otomana ganha grande proeminência e complexidade sobretudo nas últimas décadas.

No Brasil, onde finalmente ganham corpo os estudos de História Global e de história do Oriente Médio, se faz urgente melhor conhecer e divulgar a história do Império Otomano. Ela não só nos ajuda a colocar a Europa em perspectiva, como nos apresenta outra forma de império, de escravidão, de colônias, e outros cristianismos que não o católico ou o evangélico que nos parecem ser únicos por majoritários no Brasil.

Percebemos ainda haver outra história para além do paradigma imperialismo/colonialismo. Os contatos entre o Brasil e o Império Otomano na virada do século XIX para o XX são exemplos de relações Sul-Sul *avant la lettre*. Apesar dos esforços de maior proximidade econômica, no âmbito do comércio de café, o que conectou ambos foi a imigração. Gente que veio de lá para cá e enriqueceu nossa culinária, nossa literatura, nossa cultura em geral e mesmo nossa política, erroneamente chamados de turcos, posto que a maioria era árabe com grandes componentes armênio, judaico e mesmo grego. Estes laços devem nos estimular a melhor entender o império longo e vasto estabelecido por um turco chamado Osman.

Referências

- Anderson, P. (2004). *Linhagens do estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense.
- Baer, M. D. (2022). *The Ottomans: Khans, Cesars and Califs*. London: Basic Books.
- Bercito, D. (2024). Teaching Islam to African Muslims in Brazil: na Ottoman's nineteenth century travel account. *International Journal of Latin American Religious*, 8, 107–122.
- Burke, P. (2008). *O Renascimento*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Cole, J. (2008). *Napoleon's Egypt: Invading the Middle East*. New York: Pallgrave Macmillan.
- Farah, P. D. (2008). *As conexões entre o Império do Brasil e o Império Otomano no século XIX e a utilização de fontes para além do espaço da eurofonia. Histórias conectadas dinâmicas pós-coloniais*. Curitiba: Fundação Auraucária.



- Findley, C. V. (2010). *Turkey, Islam, Nationalism, and Modernity: A History, 1789–2007*. New Haven/London: Yale University Press.
- Finkel, C. (2005). *Osman's Dream: The History of the Ottoman Empire*. New York: Basic Books.
- Loureiro, H. de A. C. (2016). *Pragmatismo e humanitarismo: a política externa brasileira e a causa armênia (1912-1922)* [Tese de Doutorado]. Franca: Unesp.
- Malatian, T. (2023). A questão armênia na imprensa: narrativas sobre os massacres hamidianos no *Fanfulla* (1894–1897). *História (São Paulo)*, 42, e2023002.
- Malcom, N. (1998). *Kosovo: A short history*. London: Pan Books.
- Mazower, M. (2007). *Salônica. Cidade de fantasmas: cristãos, muçulmanos e judeus. 1430-1950*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pinto, P. G. H. da R. (2010). *Árabes no Rio de Janeiro: Uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva.
- Puchner, M. (2019). *O mundo da escrita: Como a literatura transformou a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Said, E. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos Júnior, J. J. G. dos, & Sochaczewski, M. S. (2017). História global: Um empreendimento intelectual em curso. *Revista Tempo*, 23(3), Set–Fev.
- Soares, L. F. (2012). A guerra é uma ópera e uma grande ópera: As crônicas de Machado de Assis e a questão do Oriente. *Machado Assis Linha*, 5(9), 155–170.
- Sochaczewski, M. (2017). *Do Rio de Janeiro a Istambul: Contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano*. Brasília: FUNAG.
- Toledo Mansilla, P. (2004). *Descripciones hispanoamericanas de Estambul en el Imperio Otomano*. Ankara: Embajada de Chile en Turquía.
- Zarinebaf, F., Darling, L., Brummet, P., & Goffman, D. (2017). In memoriam: With Halil Hoca at Quads of University of Chicago. *The Journal of Ottoman Studies*, 49, 7–14.

NOTAS

AUTORIA

Monique Sochaczewski: Doutora em História, Políticas e Culturais pelo CPDOC/FGV. Professora Permanente, Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), Mestrado Profissional em Ciência Política e Relações Internacionais, Brasília, DF, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua das Laranjeiras, 322/202 – Laranjeiras – Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22440-003 – Brasil



ORIGEM DO ARTIGO

Artigo original.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Monique Sochaczewski. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Alexandre Buski Valim, Fábio Augusto Morales, Daniela Capri

HISTÓRICO

Recebido em: 18 de abril de 2025

Aprovado em: 25 de julho de 2025

Como citar: SOCHACZEWSKI, Monique. Por que é importante estudar história do Império Otomano?. **Esboços**, Florianópolis, v. 32, p. 1-22, 2025.

